

Há Futuro para o Passado? Experiência Interdisciplinar com TDICs no Ensino Superior

Vanessa Spinosa¹

¹Departamento de História – Ceres (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

clio.spinosa@gmail.com

Resumen. Este artículo pretende reflexionar acerca de la actuación del docente en el uso de tecnologías en el ambiente escolar. Al observar la poca utilización e interés de los profesores de Historia, en utilizar TIDCs en la producción del conocimiento universitario, proponemos una acción metodológica que incluye al discente como protagonista en la confección de materiales digitales de Historia durante las asignaturas de Historia Moderna y de América. El desarrollo de esta experiencia interdisciplinaria y sus resultados serán expuestos en este trabajo. La intención es contribuir con el debate en torno al uso de la tecnología, en pos de la autonomía de los educandos, en el ambiente formativo en que están inmersos.

Resumo. Este artigo pretende refletir sobre a atuação docente no uso de tecnologias no ambiente escolar. Ao observar a baixa utilização e interesse dos professores de História, em utilizar TDIC's na produção do conhecimento universitário, propomos uma ação metodológica que inclui o discente como protagonista na confecção de materiais digitais em História, durante os cursos de História Moderna e da América. O desenvolvimento desta experiência interdisciplinar e seus resultados serão expostos neste trabalho. A intenção é a de contribuir com o debate em torno do uso da tecnologia na busca pela autonomia dos educandos, no ambiente formativo em que estão inseridos.

1. Tecnologias e o Ensino de História

“Para os seres humanos, a ciência e a tecnologia são imprescindíveis à sobrevivência (...) o homem terminou por mudar a realidade e por construir uma sociedade voltada para a ampliação dessa dominação (da natureza)”. O professor Arnon de Andrade, catedrático e importante educador da academia, anunciava sobre a conexão histórica da relação Homem, natureza, ciência e tecnologia. Para lembrar, talvez, a nós leitores, sobre essa existência perene para os humanos, da ciência e da tecnologia. Então, há um passado nessa relação homem tecnologia. E isso se opõe claramente a uma intenção de aliar uma geração de sujeitos tecnológicos e outra avessa à tecnologia. Sempre estivemos conectados à ciência e à técnicas por diversos caminhos. Tivemos tanta certeza de sua eficiência para nossa sobrevivência no planeta, que levamos isso para outras gerações de forma sistematizada, através da Educação. Mas, se a perspectiva do uso da tecnologia no passado nos ajuda a pensar sobre ela no presente, será que o passado abriu perspectivas para ser ajudado a repensar seu uso no futuro?

Andreas Fickers, em 2012, anunciava em seu artigo “Historicism? Doing History in the Age of Abundance”(p.07), que “se as futuras gerações de historiadores querem manter essa competência chave no âmbito de sua disciplina e de seus hábitos, eles vão precisar desenvolver habilidades na ciência da computação, na análise de imagens digitais e em tecnologias de rede”. E, nesse sentido, por mais complexo que seja alcançar o nicho significativo de professores de História que há no país, algo deve ser movimentado.

Sobretudo porque, se a educação muda, o papel do professor muda. Mas, será que os docentes do ensino superior estão sensíveis a mudança de paradigmas sobre o processo de ensino e aprendizagem do século XXI? Não seguiremos ouvindo que o mais fundamental é que saibam produzir fichamentos, que consigam ler a obra completa do autor X ou Y, para que sua erudição realmente seja plena? Como nos inspira Arnon de Andrade, é fundamental que o professor enfatize “a busca pela credibilidade da informação, a formação da consciência crítica, a formação do produtor de conteúdo, o desenvolvimento de competências no uso de muitas linguagens, o modelo da ética nas relações sociais e humanas” (ANDRADE, 2003, p. 02).

Contudo, professores com mais de 10 anos de docência resistem ao uso de tecnologias ou não tem interesse em aprender (GOMES, 2015). Por outro lado, ver apenas o lado do manejo das ferramentas para o ensino pode ser algo limitante. Queremos formar professores de História aptos a manejar dispositivos multimídia e trocar a antiga tecnologia do quadro e piloto pela projeção em slides? É preciso mais. Se por um lado é necessário que haja sim, algo mais elementar como uma instrução mais tutorial sobre o uso de ferramentas digitais, por outro é urgente que haja letramento. Porque é importante? porque o letramento no meio digital, possibilitará que no *currículo* do historiador esteja contido uma preparação, uma maturação sobre este meio de comunicar e de produzir conteúdos históricos. O universo digital altera nosso ofício e nossa prática docente.

Afinal, “como poderemos ignorar o uso das tecnologias digitais para o ensino de história, considerando o forte atrativo delas para o ambiente escolar, e que está disponível, em maior ou menor presença, nas escolas básica e de ensino superior?” (GUIMARÃES, 2009, p. 37). Mais do que isso: o digital deve ser visto como um campo de estudo, de lutas e de experiências laboratoriais para investigadores das humanidades.

Como lembram Anitta Lucchesi e Marcella da Costa, o desejável letramento crítico digital, portanto, não se limita à habilidade técnica de manusear dispositivos e programas informáticos-digitais, mas se define pela busca da compreensão da experiência social inscrita na cultura digital (LUCCHESI: COSTA, 2016). Aqui, ainda que as autoras estivessem refletindo sobre o olhar crítico do historiador para o mundo midiático digital como fontes que devem ser questionadas, avaliadas e postas à prova; a essência é fundamental e coaduna com o que trago aqui: atuar no mundo virtual-digital, em rede, requer mais do que habilidade técnica. Aliás, como enuncia o professor Arnon de Andrade “a eficiência de uma técnica não está na sua novidade, mas no seu uso social ou cultural, no grau de atendimento às necessidades ou aos desejos da comunidade” (ANDRADE, 2003, p.01). Ao nos inserirmos enquanto historiadoras(es) nesse ciberespaço, estamos também levando a possibilidade de interação, e com isso, educação para o meio virtual. Mas, essa ação depende em grande medida da postura aberta e dialógica do docente. A sensibilidade em avaliar a experiência que os sujeitos

sociais têm em seu lugar de atuação é o primeiro passo para que o uso de tecnologias faça maior sentido. Seja como estimulador do uso interativo discente de plataformas já existentes, seja animando-o a uma postura ativa como produtores do conhecimento histórico. E assim, como outros letramentos, o conhecimento e atuação no mundo digital permitirá a este sujeito uma leitura do mundo.

2. Experiencia interdisciplinar

Ao refletir sobre estas demandas atuais no ofício docente de História no Ensino Superior, foi inevitável observar a carência de ações que trouxessem o uso de tecnologias para o cotidiano escolar. Era mais importante uma aula expositiva ou dialogada com os alunos de graduação com auxílio do projetor multimídia e *slides* ou era mais importante entender qual a forma de conectar estes discentes com conteúdos históricos que fizessem sentido para eles, utilizando recursos que também conectassem com eles?

Como afirmam Lucchesi e Costa, no artigo “Historiografia escolar digital”, a construção de um espaço e de uma prática de experimentação responsável, baseada no diálogo, na negociação e na construção coletiva de experiências de ensino e aprendizado entre professores e alunos (LUCCHESI, COSTA, 2016). Então, como aproveitar o saber de cada sujeito que compõe a sala de aula, no que toca sua experiência no mundo digital, na vida familiar, em sua trajetória pessoal e comunitária?

A solução encontrada após alguns semestres de observação sobre o que interessava aos discentes da graduação, foi colocá-los como protagonistas das ações no processo de ensino-aprendizagem. A partir das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC's) que eles tinham maior afinidade, foi possível estimulá-los a buscar, pesquisar, pensar sobre os temas dos componentes curriculares História Moderna I e II, História da América I. O desafio era enorme, para os discentes e para os docentes envolvidos. Era preciso planejar cronogramas, observar quantas equipes poderíamos formar para o trabalho em ambientes digitais, resolver situações de equipes que só cursariam a disciplina A ou B, enfim, um planejamento essencial que exigia cooperatividade e energia de todos os envolvidos.

Portanto, durante os dois semestres do ano de 2017, o projeto de ensino desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte intitulado “‘O futuro do passado’: as TIC's e o ensino de História numa perspectiva interdisciplinar”, foi executado. Ele contou com a participação de dois docentes e de três monitores coordenando a ação. Os objetivos do projeto foram:

- Promover a melhoria do processo ensino-aprendizagem do curso de História, nos componentes curriculares de História Moderna I e II e História da América I;
- Oferecer uma experiência interdisciplinar no processo avaliativo dos componentes curriculares em História com TDICs;
- Estimular os discentes a ter familiaridade com o universo digital e seus recursos na construção do conhecimento;
- Integrar o aluno-monitor no exercício da prática docente com o novo perfil profissional focado nas mídias digitais.

Portanto, para trilhar estas metas foram necessárias várias ações prévias, como a programação de textos e avaliações que os docentes de cada componente daria, para gerar uma sincronização no cronograma de ambas as disciplinas. Mas, também, algo mais complexo era fundamental: pensar nos temas de cada unidade, em cada componente, História moderna I e da América I, para que harmonizássemos as atividades conjuntas. Nesse sentido, organizou-se a avaliação geral das unidades, sendo que seus resultados atenderia a ambos componentes curriculares. A primeira avaliação foi a confecção do projeto nomeado de “produto virtual”. O PPV (projeto produto virtual) retrataria a organização das equipes já formadas, sobre o tema que cada grupo queria compor o seu produto final de cursos/disciplinas. Eles deveriam eleger qual a plataforma que queriam produzir seus conhecimentos, que linguagens iriam utilizar, qual público alvo gostariam de alcançar e quais os objetivos daquela produção.

Com esta primeira avaliação das turmas, conseguiu-se organizar 12 equipes. Eles escolheram uma diversidade de plataformas para produção de seus aprendizados:

EQUIPE	Produto (Tema)	Link
1	Do Medieval à Modernidade — Economia e Sociedade	economiaesociedadeblog.blogspot.com
2	Richelieu Moderno: História Moderna e da América em 140 caracteres	https://twitter.com/ModernRichelieu
3	What's up América	https://whatsupamericame.tumblr.com/
4	A Arte da Descoberta: O Novo Mundo Sob o Olhar do Velho	https://artedadescoberta.tumblr.com/
5	Os Colonizados	https://oscolonizados.wordpress.com/
6	Tempos Modernos	https://www.tumblr.com/blog/tempos-modernos1
7	O Maquiavélico	omaquiavelico.tumblr.com
8	O encontro entre o novo e o velho mundo	https://www.instagram.com/onovomundo/?hl=pt-br
9	Caminhos da Arte	http://www.pinterest.com/caminhosdaarte
10	História à Domicílio	http://historiaadomicilio.wordpress.com
11	Idade Moderna - A inserção da América no mundo	https://www.facebook.com/pg/iluminsmo/about/?ref=page_i
12	Turista Historiadora	https://www.instagram.com/turista.historiadora/?hl=pt-br

Figura 01: Equipes Temas links e Notas

Construíram temas deles em *blogs*, páginas no Facebook, até propostas mais inusitadas como um Twitter e um número de *WhatsApp* para trabalhar sobre História Moderna e da América. Com esta ação foi possível conectar com os discentes da graduação, através de uma proposta em que teriam a liberdade de eleger os temas que abrangessem ambas as ementas e, também, estimulamos a criatividade, para que eles pudessem gerar um ambiente, dentro de uma plataforma conhecida por eles, para produções sobre História. E mais, eles estavam elaborando conteúdos em perspectiva interdisciplinar. Estes discentes, que estavam entre o terceiro e quarto período do curso de História, foram desafiados a pensar em como compor uma produção que pudessem trabalhar conteúdos históricos de dois componentes. Eles eram complementares, é certo, porém, o exercício interdisciplinar, tão requerido nos parâmetros curriculares e presente nos Planos Pedagógicos dos cursos de graduação, pouco se efetivam na rotina escolar universitária.

Esta foi, portanto, uma grande oportunidade tanto para os docentes quanto para

os monitores e discentes matriculados nos componentes. Sair da zona de conforto e experimentar novas práticas do ser docente e discente é um risco que se deve correr. A experiência interdisciplinar em História Moderna e da América foi muito positiva. Durante as duas unidades seguintes, trabalharam, docentes e monitores em conjunto com as equipes, no intuito de orientar e promover uma produção de conteúdos históricos, segundo o planejamento dos projetos que foram feitos na Unidade I.

Enquanto os textos-base eram trabalhados em sala por cada docente em seu componente, as equipes tinham a missão de encontrar nos debates e leituras, formas de compor os seus materiais. Na avaliação da última unidade, houve a reunião das duas turmas para apresentação dos produtos finais das equipes. Além dos docentes e monitores envolvidos, foram convidados para a apresentação final alguns professores da Rede básica, a coordenação do Mestrado Profissional de Ensino de História da instituição, e uma docente do curso de Tecnologias Educacionais, do Centro de Educação. Cada um pôde comentar e interagir com os discentes, avaliando os produtos e orientando para as potencialidades que cada material poderia ter.

Ao final da unidade, foi possível observar o progresso que cada equipe teve desde o início dos trabalhos de projeção do que queriam propor, até a exposição final do que gestaram durante dois semestres. A apropriação do produto final com que expuseram seus ambientes customizados, mostrava que o processo de construção do conhecimento havia ocorrido com êxito. Sobretudo porque a maioria das vezes as turmas noturnas na Universidade, sempre são as que têm menos tempo para estudar e para elaboração de trabalhos tão especializados como o que se propôs. Ainda assim, foi real a efetividade da produção e da qualidade com que fizeram suas produções de materiais. Assim, uma vez mais, a tecnologia quando usada a favor do processo de aprendizagem, mostra-se um mecanismo a mais para a transformação dos sujeitos sociais envolvidos. No próximo item serão apontados, de forma estrutural, dois dos materiais elaborados por duas equipes engajadas neste projeto de ensino.

3. Os materiais digitais de História

Dos materiais construídos pelas equipes discentes, selecionamos alguns materiais para exposição. A ideia é apresentar uma produção de alunos que apenas cursaram o componente História Moderna, O Maquiavélico, e outra que trouxesse os temas de ambos componentes, neste caso incluindo História da América, a Turista Historiadora.

3.1. Tumblr: O Maquiavélico

A equipe projetou suas ideias para execução no microbloggin Tumblr. Segundo o projeto, o material criado serviria para “apresentar e problematizar as representações de Maquiavel e de sua obra como produtos de um momento histórico específico, que tem como função atender às demandas da realidade temporal” (PPV-O MAQUIAVELICO, 2017, p. 02). Focados no público-alvo alunos do ensino médio, a produção traz uma série de curiosidades e dicas de leituras formuladas a partir das discussões em sala de aula sobre o período moderno da História. Segundo o projeto justificava, “Maquiavel será nosso facilitador de conhecimentos, lançando seu olhar crítico e atual (visão imaginada de uma maneira pessoal e não condizente com a fiel personalidade de Maquiavel), com a finalidade de aproximar a personagem do público jovem, que verá

em Maquiavel um usuário das redes e da tecnologia, assim como eles” (PPV-O MAQUIAVELICO, 2017, p. 02).



Figura 02: *Post* de O maquiavélico – Tumblr

Ao total, O Maquiavélico teve 17 postagens, todas elaboradas pela equipe sob orientação docente. Eles não apenas utilizaram os conhecimentos que já tinham a curiosidade em se aprofundar mais, como o caso a leitura de Maquiavel, como se apropriaram do que sabiam sobre o uso dos aplicativos que conheciam. Tanto o uso do Tumblr como plataforma de divulgação dos seus escritos, como o Canva (www.canva.com), para construção de seus materiais com um design muito mais atrativo e moderno. O que demonstrou uma preocupação em mostrar os conteúdos históricos de forma a atrair, efetivamente, o público-alvo do projeto, os adolescentes. Nesse sentido, O Maquiavélico teve um grande diferencial, aliando ferramentas várias do conhecimento prévio ou em aprendizagem, para a divulgação de seus aprendizados e replicadores do saber que estavam construindo dentro dos muros universitários.

3.2. Turista Historiadora

Uma mostra importante, no que toca o aspecto mais interdisciplinar da ação, foi a experiência de construção de material digital foi na rede social Instagram. A equipe decidiu compor um roteiro de viagem pelos continentes, que demonstrasse conhecimento histórico para despertar interesse dos leitores para uma História da América e da Europa, conectadas.

Segundo os objetivos do Projeto, aspiravam “ser uma ferramenta dinâmica e atrativa que visa, a partir de uma partilha de experiências e olhares de uma estudante de História, apresentar ao público em geral e turistas em potencial, o olhar de uma jovem viajante sobre o Novo Mundo, a partir das “descobertas”, intencionando mostrar quais as implicações desse olhar europeu sobre o outro no campo das ideias, da economia e do poder político. Apresentando elementos como a cultura, economia, governos, religiões, etc., que modificaram as mentalidades, os posts irão se pautar na relação entre os continentes americano e europeu no contexto da época Moderna, mostrando os aspectos simbólicos da conquista, a partir da questão do outro” (PPV TURISTA HISTORIADORA, 2017, p. 01).

A produção deste material resultou em 20 publicações, com imagens fotográficas de pontos turísticos, mais ou menos conhecidos, dos continentes Americano e Europeu. Com as devidas autorizações das imagens utilizadas, a equipe levava o seguidor a entender um pouco sobre a cultura e a história dos lugares colonizados e a visão do colonizador, também.

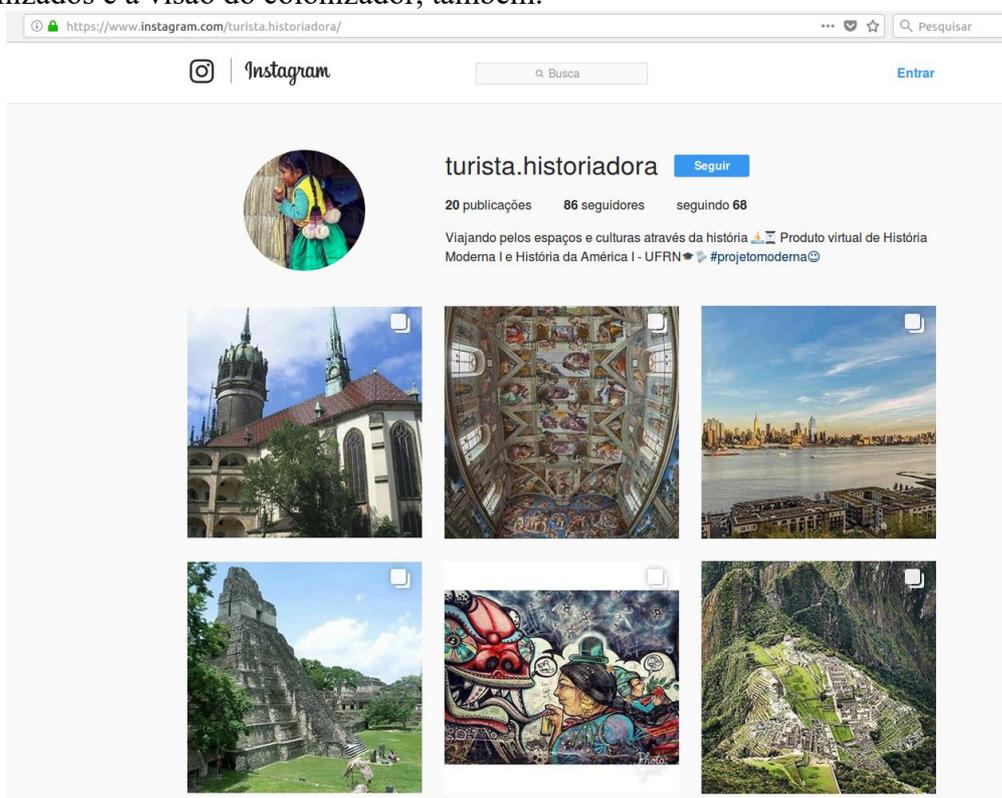


Figura 03. Instagram Turista Historiadora

O material elaborado, além de estar afinado com a proposta principal do projeto de ensino, ele também se propôs a interagir com públicos distintos, que estão fora do ambiente escolar básico. A intenção da equipe era precisamente mostrar para adultos em geral conteúdos históricos que os estimulassem a viagens pela América Latina e Europa. Além disso, tinham o desafio de pesquisar as imagens com autorizações diretas dos autores das fotografias, o que demandou deles outras habilidades, sobre direitos autorais, comunicação com pessoas de atividades não

acadêmicas, o que lhe oportunizou uma reflexão maior sobre o que uma produção de divulgação histórica poderia demandar, na prática.

4. Considerações Finais

A experiência laboral no projeto de ensino executado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi uma mostra de que a Educação é Comunicação. Ela exige reciprocidade. Como expressou Paulo Freire, “a educação é comunicação, é um diálogo, na medida em que não é uma transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46). Temos hoje meios de informação e de expressão e não meios de comunicação. A informação é entendida como uma acumulação de registros e as diversas linguagens que criamos é a codificação que fazemos do mundo que interpretamos. Portanto, se temos meios para utilizar essa codificação e nos expressar não significa que estamos nos comunicando. A comunicação não é informação. A comunicação é uma ação dialógica, que só pode ocorrer entre iguais e, portanto, sem estar entremeada por relação de poder. Portanto, se a Educação não é um ambiente de opressão e sim se liberdade, a comunicação é ação obrigatória nos espaços escolares, em todos os níveis. Dentro dessa perspectiva, comunicar é uma ação humana, unicamente humana, que demanda co-participação no ato de pensar. Então, como é possível implementar uma ação comunicacional e, portanto, educativa no ensino superior, dentro destes parâmetros?

Estas foram as inquietações que deram o pontapé inicial em experiências avaliativas que envolviam o ensino de História. Neste caso, foram sobre História Moderna e da América, mas poderiam ser da História local, do bairro, do seu estado ou região. Foi uma oportunidade de promover a interação destes alunos com o mundo digital, fazendo-os menos consumidores e mais produtores de conhecimentos. Eles se colocaram como protagonistas das ações, sendo ao mesmo tempo pesquisadores, professores, educandos e criadores. Assim, puderam ter um uso da tecnologia de maneira mais responsável, crítica, planejada em cada um dos passos e orientada, fazendo com que o próprio uso dos ambientes virtuais fosse educativo, em si. E, como futuros historiadores e docentes, terão em suas mãos a possibilidade do uso do ciberespaço de uma maneira autônoma e mais crítica sobre o que lê e sobre o que produz.

Pensar no ambiente universitário como um espaço de lutas e de protagonismo nas redes digitais é uma ação urgente para os profissionais de História. Porque, como afirmam Anitta Lucchesi e Marcela da Costa, é preciso remeter à escrita da história feita na escola por meio da ação do professor que use de forma crítica do potencial das tecnologias de informação e comunicação na narrativa de sua aula e à construção de materiais didáticos digitais que explorem e extrapolem a especificidade deste meio, levando-se em consideração, inclusive, a participação, a criatividade e a autoria dos sujeitos posicionados como alunos. (LUCCHESI; COSTA, 2016). Elas propõem identificar e experimentar as especificidades do digital, em seus limites e possibilidades e, ao mesmo tempo, pensar como isso afeta o ensino de História em sala de aula, do nível básico ao superior.

Portanto, é fundamental que haja um futuro para o nosso trabalho com o passado. É fundamental que seja emancipador para o aluno, que ele seja alvo de metodologias ativas e que a tecnologia não seja usada apenas como material instrucional, unidirecional, mas, como defende o educador Arnon de Andrade, que a

educação transforme a tecnologia. E, se for pelos caminhos da História, tanto melhor.

Referências

- Andrade, A. A. M. de.(2016) *Tecnologia e Educação*. Digitado.
- Andrade, A. A. M. de.(2003). *Ciência Tecnologia e educação escolar*. Digitado.
- Araújo, Bárbara S.; Lima, Keila R. S.; Nascimento, Kennedy.(2017). Projeto Produto Virtual. *Turista Historiadora*. Disponível em:
<https://www.instagram.com/turista.historiadora/?hl=pt-br>
- Bates, T. (2016). *Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Artesanato Educacional.
- Fickers, A. (2012). Towards a new digital historicism? Doing history in the age of abundance. *VIEW Journal of European Television History and Culture*, 1(1), 19-26.
- Freire, P. (1983) *Extensão ou Comunicação?*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Guimarães, M. L. S. (2009). Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 35-50.
- Lucchesi, A., & Costa, M. A. D. (2016). Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação. *História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas*. pp. 336-366.
- Melo Neto, Luiz Gonçalves; Leão, Luis Vinicius.(2017). Projeto Produto Virtual. *O Maquiavélico*. Disponível em: <https://omaquiavelico.tumblr.com/>